

Negro no Poder

Venho através desta coluna parabenizar a professora Maria Maurília Queiroga, da Universidade Federal de Minas Gerais, por ter apresentado estudo à Fundação Joaquim Nabuco sobre o tema: “Negro Está Fora das Instâncias do Poder”.

Parabéns, professora, pelo tema apresentado, quando a senhora se refere aos 17 generais-de-exército, os 11 almirantes de esquadra, os 07 tenentes-brigadeiros e os 22 governadores de Estados não há um de cor negra.

Além do mais dos 487 congressistas apenas 04 são de cor negra, será que no Brasil existe o preconceito racial, professora Maria Queiroga quero lhe dizer que em nenhuma estatal você vê um negro na presidência a prova é que do primeiro ao terceiro escalão não tem um só mandando.

Eu gostaria de saber das autoridades, dos homens que estão no poder será que não existe no Brasil nenhum preto que mereça confiança dos homens que estão no poder? **Geraldo Vaz – Recife**

África, o tema de Donzelos

“O Bloco de Samba Donzelos de São José estará nas ruas da cidade mais uma vez, na segunda-feira de carnaval. Desta vez vamos mostrar o tema África – Bela negritude continental – do presidente Edson Beltrão, com samba-enredo de Luís Felipe que será puxado por Leno Galeria, um dos melhores puxadores de samba do Recife”.

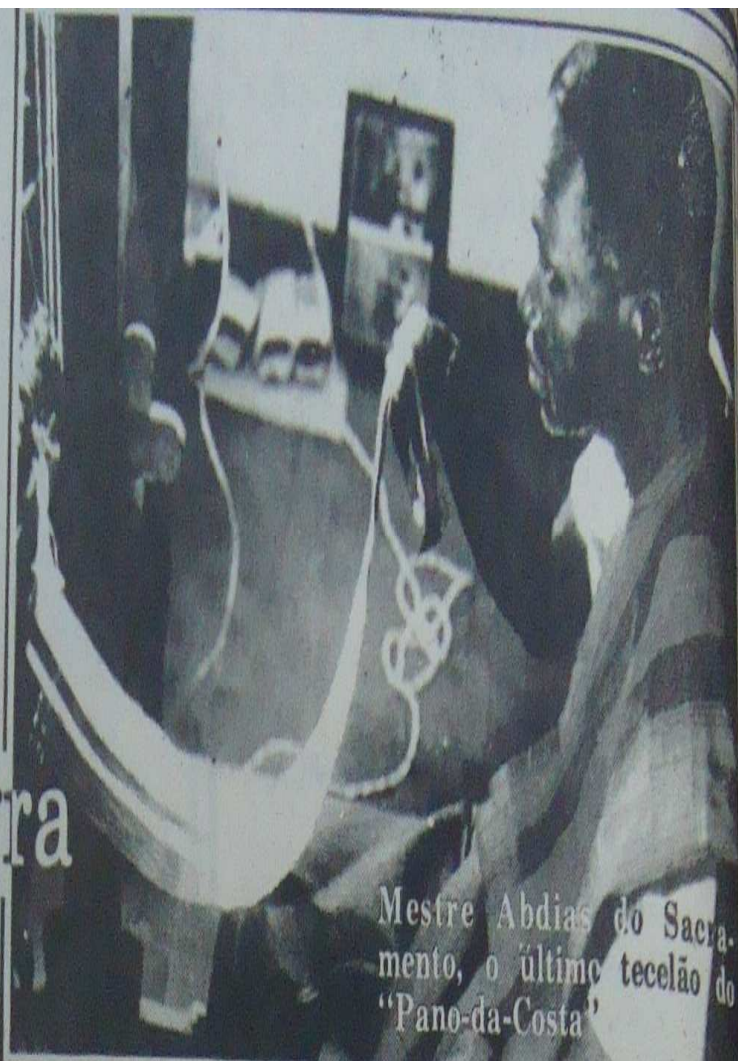
A afirmação é de Elmar Araújo, um dos fundadores do bloco e que continua na diretoria. Para ele, “o carnaval do Recife tem de fazer reviver suas antigas características, pois só assim voltaremos a fazer um grande tríduo momesco, que já foi considerado o melhor do mundo por sua espontaneidade e criatividade, além da grande força folclórica”.

DONZELOS

Elmar Araújo disse que “o Donzelos não recebe qualquer subvenção governamental pois o desfile é custeado pelos próprios participantes, que passam todo o ano preparando as fantasias e os três carros alegóricos, que compõem o desfile. Também promovemos muitas festas, como a que acontecerá no próximo dia 28, a Noite do Hawaí, em nossa sede na Rua da Concórdia, com os cantores Marcílio Lisboa e Valter de Afogados, o conjunto de Hélio, Miltinho e a bateria do bloco”.

No desfile deste ano, o Bloco Vermelho e Branco de São José terá 250 componentes na Ala da Frente e 110 batuqueiros sob o comando do mestre Valdécio Melo. As alegorias estão sendo preparadas pelo artista plástico Chico Campos. “Mais uma vez, o Donzelos de São José fará um espetáculo de muita beleza e animação, o que já se tornou uma tradição”, disse o carnavalesco.

Cantolivre:
documento
sonoro
preserva a
cultura negra



Mestre Abdias do Sacramento, o último tecelão do "Pano-da-Costa"

Em comemoração ao Centenário da Abolição, a Basf do Brasil acaba de lançar, num total de 55 minutos, a fita-memória Cantolivre, o Grito da Raça - 4ª edição do Programa Cultural Basf -, que traça a trajetória dos 400 anos de história do negro no País, 300 de escravidão e 100 anos da libertação dos escravos.

A principal dificuldade para a realização do trabalho, segundo os produtores, foi encontrar um caminho. "Não se tratou apenas de enfileirar músicas, mas de suscitar a reflexão sobre a questão do negro no passado e principalmente nos dias de hoje - diz Vladimir Saccheta, um dos coordenadores do projeto - Pensamos e repensamos até chegar ao grande painel sobre o escravismo descrito no Lado A da fita e a contribuição do negro na cultura brasileira como mostra o lado B".

Uma apurada pesquisa selecionou 67 fonogramas (alguns preciosos) entre mais de 900 músicas que relatam uma odisséia de sofrimento e liberdade. Essa dicotomia marca o transcorrer da fita-memória, onde a história do negro não é marcada apenas pela amargura. Mas, acima de tudo, pela sua incrível capacidade criativa de suma importância não só para a música brasileira, mas também por sua contribuição definitiva para a formação da nossa nacionalidade.

O trabalho revela nos fonogramas oito, nove, 13, 17 e 29, obras como Leilão e Otinderê, na voz de Edson Lopes e os Cantos dos Escravos 1, 3 e

10, recolhidos por Ayres da Mata Machado Filho. A primeira parte da fita conta com a participação de Milton Nascimento e Martinho da Vila, que introduzem o ouvinte ao clima de dor vivido pelo negro logo após a sua chegada ao Brasil. Na seqüência as participações dos atores Milton Gonçalves e Zezé Mota testemunham nas palavras de Castro Alves o drama de Navio Negroiro, e o anúncio da venda de escravos negociados como mercadorias.

CLEMENTINA

Nos fonogramas 15, 16 e 20, Milton e Zezé destacam a dignidade racial, preservada acima de tudo. Depois nas amostras musicais 21, 24, 28, 29 e 33 - acrescidas da participação de Clementina de Jesus, em Escravos de Jó - novamente os atores negros se utilizam de textos, desta vez de Oswald de Andrade em Capoeira e Solano Trindade em Sou Negro do lado A. O destaque musical fica por conta de "achados" ouvidos nos fonogramas 19, 20, 24 e 25 - lado B, copiados de discos 78 rotações gravados nas três primeiras décadas deste século. Paulo Cesar de Azevedo, um dos coordenadores do trabalho diz que "o fonograma 24, Xangô, é uma verdadeira raridade, com a gravação feita por Mário de Andrade, registrada em gravador de fio de metal, no terreiro de Santa Bárbara, Recife, em fevereiro de 1938.

"O arquivo do pesquisador José Ramos Tinhorão - declara Paulo - permitiu a Cantolivre, o Grito da Raça, registrar a existência de Festa da Penha (Cartola e Asobert), Pai João

(autor não identificado) e Quem Estão de Ronda? (Príncipe Pretinho) cantado por Francisco Sena e Diabos do Céu".

"Festa da Penha constitui um belo exemplo de samba da Penha "domesticado", isto é, um samba de rádio e portanto produzido para o comércio. Trata-se de um verdadeiro quadro de costumes carioca representado pelas reuniões pagãs/cristãs dos domingos de festa em louvor a Nossa Senhora da Penha", explica o crítico de música Tinhorão.

Além desses destaques históricos gravados no lado B, os demais fonogramas afastam a anacrônica idéia de passividade histórica do negro, para indicar sentimentos de revolta e resistência. A indolência e o aprendizado da capoeira no meio das matas comprovam a tese da resistência.

O produto final é composto de uma fita áudio e um livreto, acondicionados em embalagem especial, que apresenta na capa a reprodução de um pano-de-costa, tecido pelo mestre Abdias do Sacramento, o último artesão que ainda domina esta técnica trazida da África pelos escravos. Junto com o lançamento, a ser realizado pelo MIS, no dia cinco de julho, haverá uma exposição de fotos e ilustrações documentando o processo de escravidão. Um audiovisual, com 14 minutos, produzido especialmente para a noite de apresentação, apresenta um compacto do conteúdo da fita e valoriza o material resultante da pesquisa iconográfica.

Afoxé Ylê vai às ruas

Abrindo os festejos carnavalescos no Alto José do Pinho, em Casa Amarela, a Associação Recreativa Carnavalesca Afoxé Ylê de Egbá, com sede no mesmo bairro, estará promovendo grande desfile domingo 22 de janeiro, às 16h, saindo de sua sede na Rua Severino Bernardino Pereira, nº 185, até o bairro de Agua Fria.

Fundado há dois anos e oriundo de um terreiro de Candomblé, Afoxé Ylê de Egbá cumpre durante todo ano um calendário de atividades a

exemplo das programações vivenciadas junto ao Conselho de Entidades Negras de Pernambuco (CENPE), ao qual é filiado. No período de carnaval, Afoxé participa da Noite dos Tambores Silenciosos; no dia 13 de maio - Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo - e dia 20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra.

Segundo o presidente da associação, Expedito Paula Neves, o Afoxé não tem apenas interesses folclóricos.

Com o Maracatu Leão Coroado, o resgate das tradições africanas

Goretti Moura

Mais do que uma manifestação popular do carnaval do Recife, o Maracatu Leão Coroado é uma relação religiosa e familiar entre os seus integrantes que resgatam boa parcela das tradições, costumes e ação cultural africana em Pernambuco. E tudo isto pôde ser registrado na câmera fotográfica de Humberto Araújo – também desenhista, programador visual e escultor – antes e durante o reinado de Momo do ano passado.

Agora, com a aproximação do Carnaval 89, deixando a sensibilidade do povo mais à flor da pele, este material de pesquisa, 52 fotos em preto e branco será exposto na Galeria Metropolitana de Arte Aluisio Magalhães, na Rua da Aurora, 265, de 1º de fevereiro a 1º de março, dando prosseguimento ao Projeto Carnaval do Instituto Nacional do Folclore. Aliás, o coordenador de todo esse documentário, incluindo ainda textos e vídeos em sistema U-Matic (cópia em VHS) com duração de 18min30seg., o antropólogo Raul Lody, diz que o período da exposição é proposital.

Com a inauguração marcada para as 18 horas do primeiro dia 1º sendo que depois a mostra fica em cartaz, das 10 às 18 horas, Raul Lody afirma que o objetivo é “mostrar como o Maracatu é uma manifestação significativa, constituinte da vida do recifense, do ser do pernambucano, onde o ser do homem africano é determinante”. No entanto, tanto Lody quanto Humberto, reconhecem que o Leão Coroado é o mais antigo no Recife com 124 anos de existência e vem sofrendo processo de desarticulação motivado por questões materiais e desinteresse por parte dos “herdeiros”.

O interessante, vale ressaltar, é que diante de tantas dificuldades, o cortejo real do Maracatu sai às ruas, não podendo-se estabelecer divisas entre o profano e o não profano. Diante de todo este contexto, encontra-se o presidente do Leão Coroado, Luis de França com mais de 80 anos, líder do grupo, babalaô e conhecedor dos mistérios do Ifá, orixá que preside a administração com os búzios.

A ele deve-se ao Maracatu anualmente “repetir e cumprir suas obrigações nas ruas centenárias do Recife”, afirma Lody, resumindo que é “uma memória viva” do carnaval da Capital pernambucana. Filho de Xangô, também patrono do Leão Coroado,



O Maracatu no carnaval passado, segundo a câmera de Humberto Araújo

Luis de França, representa uma pessoa respeitada, e o contato com ele e todo o grupo, declara Humberto, “é algo contagiante”.

MOVIMENTO

O registro da máquina fotográfica de Humberto Araújo é movimento, parecendo até que os personagens fotografados emergem ressurgidos dos movimentos pró-alforria das irmandades religiosas do século passado que mantinham vínculo com grupos de Maracatu e politizavam o homem africano em Pernambuco.

A poesia se faz presente desde as fotos que mostram a elaboração dos instrumentos e vestimentas às do desfile na passarela da Avenida Dantas Barreto. O cortejo, aberto com o standarte magnífico, vem do leão acompanhado da ala das baianas, damas do passo – personagens destacadas que carregam as calungas (honecas) de Oxum e Iansã, lanternas que circulam e protegem os cordões, sem esquecer é claro, do rei e da rainha, cobertos por palho (grande chapéu), além dos músicos.

Para o fotógrafo desta pesquisa, este trabalho representa muito, a partir do momento que “dá mais importância às nossas coisas que estão aí, mas desconhecemos, ou seja, um resgate daquilo que é nosso”. E que os poucos momentos vividos na passarela, na realidade foram 15 minutos de delírio e muita emoção.



“Luis de França”, uma das fotos da mostra que será aberta dia 1º de fevereiro no Recife

A resistência do Maracatu Leão Coroado em desaparecer, tendo presenciado tantos governos e mudanças neste País, é a própria resistência dos oprimidos. Pois mesmo sendo constituído por pessoas materialmente pobres está lutando para sobreviver, enfocando que no momento se reorganiza com o trabalho permanente de Luis de França e do Movimento Negro Unificado de Pernambuco.

Com esta reestruturação, volta o brilho do espetáculo mais forte, acrescido da consciência e do fortalecimento da integridade social e religiosa nos componentes do Maracatu. Como diz no convite da exposição: – inseparáveis, o Maracatu e o Xangô fluem e falam das mesmas coisas: são os orixás, as “nações” africanas, o desejo permanente de liberdade e fortalecimento das identidades de populações negras e seus descendentes.

A proposta desta iniciativa do Minc é levar todas estas coisas para o povo permanentemente, não deixando mais que elas morram na memória das pessoas. Significa dizer que trata-se de uma exposição para fazer refletir sempre, em qualquer lugar, tanto que ela seguirá depois para o Museu do Carnaval no Rio de Janeiro e já está havendo interesse da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, através de seu novo dirigente, professor Roberto Pereira, de absorvê-la em regime de comodato.